



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

CONSOLAI-ME - AUTOR: EL CID

Autor(es)

ELDER LUIZ DE SANTIS

Contos / Cricas

CONSOLAI-ME

Autor: El Cid

Não era sua primeira gravidez. Estar naquela sala de espera não era rotina em sua vida, mas também já não lhe trazia alegrias. Tudo se tornava parte de um ritual, de cuidados com a sua saúde, principalmente ao ser mãe, mais vez. Ser mãe, aos 36 anos. Com sua maturidade precoce, olhava suas colegas de gestação. Não tinha vontade de participar dos mesmos diálogos comuns na sala de espera de um obstetra. Não estava só, pois trazia um filho na barriga. Não estava só, pois havia mais mulheres na sala. No entanto, não se identificava com ninguém, não se via com alguém.

Por quase dez anos colocou um pouco de si nos seus dois filhos, na vida que dividia com o marido, na sua carreira profissional, um tanto estacionada pela teimosia de acumular a vida profissional com a pessoal: a quase profissão de ser mãe e esposa. Olhou para suas pernas, ainda sem a meia elástica de alta compressão, viu as cicatrizes das gravidezes anteriores. Não tinha mais a safena direita, pois havia se transformado numa variz dolorida e retirada no inverno anterior, em uma cirurgia. Quais seriam as marcas desta gravidez? Estar de volta a fraldas, choro, amamentar à noite, fazer compressas quentes no peito com mastite já não estavam nos seus planos. Já vivera as alegrias da maternidade, já havia vivido a indescritível ansiedade de gerar uma vida e por duas vezes já sentira que fizera a sua parte em perpetuar a espécie. Não estava ali por uma gravidez desejada, assim como não fora uma gravidez evitada. Aconteceu. As coisas também acontecem, não é?

O sorriso profissional da atendente a chamou para os exames. Medida de circunferência da barriga, peso. Conhecia a rotina. Desta vez, estava incluído um exame de ultra-sonografia. Nas gravidezes anteriores, pediu para ver o sexo dos filhos. Não via isso como uma antecipação dos resultados, mas como uma aposta em algum tipo de jogo de adivinhação. Pela precariedade dos aparelhos, era comum o erro e sabia pelas conversas nas salas de espera de casos em que a família preparou o enxoval para o nascimento de uma menina, garantida pelo ultra-som, e a criança nasceu menino. Com os dela, não houve erros. Desta vez, não queria saber o sexo do bebê. Viveria a surpresa. Profissionalmente, o médico passou o gel frio por sua barriga para, com o sonar, apresentar o filho à mãe.

Após o exame, não a liberou e perguntou-lhe pelo pai da criança. Seu marido não a acompanhava mais nas consultas. Havia sido promovido na empresa e precisava construir ali o seu lugar, seu segundo lar. Nas outras vezes, acompanhara a mulher em todos os procedimentos. Chegou ao cúmulo de ganhar peso, como ela. Mas ele não estava presente naquela consulta. Também não estaria nas próximas. Disse ao médico que falasse o que fosse, que nada a surpreenderia. A surpresa maior era estar grávida após dois diagnósticos de menopausa. Sentia calores horríveis a subir pelo corpo, mal estar, indisposição com o marido. O ginecologista disse ser menopausa precoce e por duvidar do diagnóstico, procurou outro médico, que confirmou o primeiro diagnóstico. E mais, disse-lhe que uma próxima gravidez seria milagre, pelo estado em que estava. Como o mal-estar não passava com os remédios prescritos, procurou a medicina alternativa. Na sua primeira consulta, o terapeuta aconselhou-a se prevenir para uma possível gravidez... ela duvidou.

- As imagens da ultra-sonografia indicam ser um caso de bebê anencéfalo. É uma má formação adquirida, sem causas ou antecedentes genéticos. Parte de cérebro ou da caixa craniana não é formada. O bebê pode morrer ainda no útero, ao nascer ou após o nascimento.

No Brasil, temos o registro de um caso raro, o de uma menina anencéfala que viveu por quase três anos. A senhora viverá todos os problemas de uma gravidez, mas não terá seu filho por muito tempo. Por via judicial, pode pedir a interrupção da gravidez...

Não queria ouvir mais nada. O chão fugiu. As cores tornaram-se todas, ao mesmo tempo, cinzas e passado. A boca do médico era engraçada, mexendo e desejando salivar e vomitando aqueles indecoros... Meu filho...

Deixou o consultório. Agradeceu por não estar com o marido. Segurava nas mãos a sua sentença. Gerava uma criança anencéfala. Caminhava pelas ruas, as pernas movendo-se involuntariamente. Ao seu redor, a agitação normal do centro de uma cidade. Crianças faziam malabarismos no semáforo, para ganhar algumas moedas. Na calçada, disputava o espaço com transeuntes apressados, pedintes em cadeiras de rodas. Próximo ao ponto de ônibus, uma moça negra, alta, sorridente, com aparelho ortopédico vendia balas de goma. Não comprou a bala. Não tomou o ônibus. Continuou seus passos mecânicos. Atravessou a rua fora da faixa para pedestres e caminhou em direção à praça. Caminhava lento ou parecia-lhe que era lento. Caminha triste. “Interromper a gravidez?”

Não escolheu o caminho. Apenas seguia seus passos. A porta estava aberta. Subiu as escadas, entrou na igreja. Não escolheu bancos, simplesmente afastou-se de outras pessoas. Sentou-se, apoiou a cabeça nas mãos. Que faria? Faria novos exames e se confirmada a mal formação cerebral, pediria na justiça o direito a interromper a gravidez. Isso é aborto. Eu sou católica. Eu sou católica? Suas pernas agora doíam. Suas varizes pareciam ter voltado, as antigas e as novas. Valeria a pena continuar a gerar uma criança que não teria vida? Mesmo que essa criança vivesse os três anos como a menina de Brasília, que vida teria essa criança? Andaria? Falaria? Ou vegetaria numa cama e por todo o tempo de sua curta vida, seria um bebê? Por que passar por crises de hipertensão arterial, ganho de peso, problemas vasculares para gerar uma vida limitada? Por que ela?

O que faria com os outros filhos ainda pequenos que também precisavam dela?

Ao levantar a cabeça ela olhou para o altar. Lá estava a imagem de Nossa Senhora da Consolação. Consolo, ternura, carinho... era tudo o que precisava. Maria, mulher. “Consolai-me, senhora, consolai-me...”

Sob os olhos de Maria, tomou sua decisão.